

***A Sala Islâmica, Museu de Faro, Portugal:* análise do projeto de gestão**

**The Islamic Room, Faro Museum, Portugal:
analysis of project management**

Cristiano Gehrke¹

8

Jul-Dez/2010

Resumo

O presente trabalho visa fazer um estudo sobre o projeto de gestão dos objetos que formam a exposição “A Sala Islâmica”, que se encontra exposta no Museu Municipal de Faro, na cidade de Faro, em Portugal. Para tanto, foi feita a análise do espólio existente no complexo expositivo, dividindo-o em tipologias de acordo com a funcionalidade e organizando-o na forma de um catálogo que tem por objetivo facilitar a análise das peças. Nessa análise, a preocupação foi a de perceber quais foram as intervenções feitas no acervo, além dos estudos já realizados, bem como formas de divulgação do mesmo. Foi feito um rápido estudo sobre a história da presença islâmica na região, para que pudesse ser compreendido o motivo da existência de uma sala islâmica no Museu.

Palavras chave: Faro. Portugal. Museu. Arte Islâmica. Gestão de acervos.

Abstract

This text presents a study on the project management of the objects that form the exhibition *The Islamic Room*, which is exposed in the Municipal Museum of Faro in Faro, Portugal. For this analysis, was made of the existing works in the exhibition complex, dividing it into types according to functionality, and also organized a sort of book that aims to facilitate the analysis of the parts. This analysis was concerned to understand what were the speeches made in the collection, in addition to previous studies, as well as forms of disclosure. As a supplement, it made a quick study on the history of the Islamic presence in the region, so it could be better understood the reason for the existence of a room in the Islamic Museum.

Key-words: Faro. Portugal. Museum. Islamic Art. Collection management.

Introdução

A exposição “A Sala Islâmica” está montada no Museu Municipal de Faro, também conhecido como Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, localizado na cidade de Faro, no Algarve, sul de Portugal. O Museu foi inaugurado pela Câmara Municipal de Faro, no dia 04 de Março de 1894, em três salas dos Paços do Conselho. Devido à necessidade de reorganização administrativa, o Museu, em 1914, foi transferido para a Igreja do antigo

Convento dos Capuchos onde permaneceu até 1973. Em 1981, o Museu foi reaberto ao público, mas em novo local: o antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção, no Largo D. Afonso III, atual endereço.

Sob tutela da Câmara Municipal de Faro, o Museu oferece ao público, além de recepção e loja, exposição permanente (arqueologia - Romana e Islâmica- e História da Arte - Pintura Antiga séc. XVI a XIX e século XX) e exposições temporárias, pelo menos três por ano. O ingresso varia entre €1 e €2 e tem um horário de atendimento variável, conforme a época do ano.

Tendo como diretora e responsável técnica, Dália da Conceição Paulo, o museu conta com Centro de Documentação, Biblioteca; áreas de especialização temática: Arqueologia, História, História Local, Patrimônio; auditório com 100 lugares; laboratório de conservação e restauro de cerâmica arqueológica e de madeiras; Núcleo Museológico do Brinquedo e serviços educativos, entre os quais estão atividades incluídas no Programa Escolar da cidade.

Catálogo dos objetos da “Sala Islâmica”

O trabalho tem como bem cultural o espólio que compõe a “Sala Islâmica”, no Museu Municipal de Faro. Tais objetos são oriundos de escavações arqueológicas empreendidas, no ano de 2001, no terreno do Museu Municipal de Faro, as quais, de acordo com Taveira (2009), foram suscitadas pelo projeto de remodelação do Museu, que previa a realização de um túnel subterrâneo que iria ligar a área do convento, onde se localiza o Museu e o Castelo, para onde se projetava a construção de um núcleo dedicado à Arte Contemporânea. O trabalho ocorreu sob direção dos Doutores Dália Paulo e Nuno Beja, durante os meses de abril a dezembro de 2001 e nos meses de fevereiro e março de 2002.

Fazem parte, ainda, da exposição, alguns objetos provenientes de campanhas empreendidas nos sítios do Quintal da Polícia Judiciária, no Largo da Sé, entre outros.

Tal espólio remonta a época da ocupação islâmica da atual cidade de Faro. O distrito algarvio, herdeiro da Diocese tardo-romana e visigótica de Ossónoba, foi conquistado pelos muçulmanos em 713-714 e permaneceu nas mãos desses até 1249, quando a reconquista cristã avançou para o sul do Tejo, sendo o atual Algarve o último sustentáculo islâmico a cair em poder dos portugueses, em 1249.

A exposição conta com 62 objetos expostos. Nenhum catálogo, onde esteja descrito/inventariado o espólio que se encontra exposto, foi produzido até o momento. Organiza-se um catálogo tendo como base as fichas de inventário e de tratamento dos objetos, além do documento publicado em 2000, por ocasião da inauguração do espaço expositivo. A metodologia utilizada para a confecção do catálogo foi a mesma proposta por Torres (1999), na qual cada ficha catalográfica contém os seguintes pontos:

- N° de inventário
- Tipo
- Função
- Morfologia
- Decoração
- Cronologia
- Procedência
- Depósito
- Fotografia

A análise técnica do espólio que compõe a exposição foi feita, dividindo os objetos em uma série de oito grandes grupos, de acordo com as suas categorias funcionais, entre as quais estão (Fig.1):

1. Louça de cozinha
2. Louça de mesa
3. Recipientes de armazenamento
4. Contentores de fogo
5. Objetos de uso variado
6. Objetos de uso lúdico
7. Lápides comemorativas e funerárias.

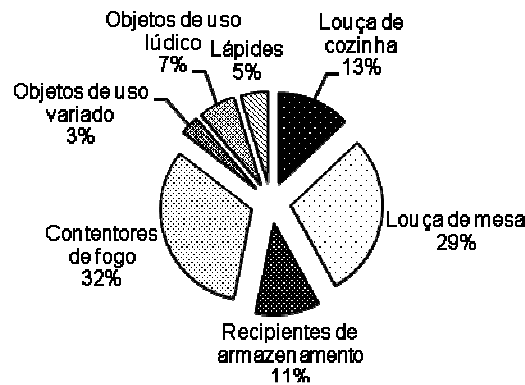


Figura 1: Proporção dos objetos expostos por tipologia.

1 Louça de cozinha

Utilizada para colocar sobre o fogo na preparação dos alimentos (panelas, caçoilas, púcaros - tampas) tal tipologia apresenta um total de oito objetos (13%), sendo a terceira categoria mais representativa. São panelas (nº 33, 34, 35 e 36), tampas de panelas (nº30, 31 e 32) e uma caçoila (nº43), constituindo-se em um grupo bastante representativo devido ao seu uso contínuo o que fazia com que fossem frequentemente substituídas por novas. As panelas são definidas como recipientes aplicáveis ao fogo; têm paredes altas, boca não excessivamente ampla (forma fechada) e asas ou ‘pegas de pressa’.

As tampas podiam servir para fechar cântaros e jarrinhas, porém, nas peças em questão, a presença de marcas de fogo assinala o fato de também servirem para cobrir recipientes destinados à cozedura dos alimentos, tais como panelas. Essas tampas poderiam, ainda, ser utilizadas como pratos para cozer o pão. Por esses motivos acabaram sendo inseridas nesta tipologia.

A caçoila é um recipiente de paredes baixas, boca ampla e asas ou ‘pegas de pressa’, também definida com um recipiente aplicável ao fogo.

2 Louça de mesa

Utilizada na apresentação e consumo dos alimentos (tigelas, copos, jarrinhos, bilhas, jarras, taças) é o segundo grupo mais representativo, com um total de 18 objetos (29%). Nessa categoria estão as tigelas (nº41, 43, 45, 47, 49) e tigelinhas (nº44, 46, 47), que são recipientes utilizados para a apresentação de alimentos e como prato comunal a ser usado por todos os

comensais para comer; os copos (nº53, 54), que são peças bastante simples, com uma alça e sem nenhum tipo de decoração, se destinavam ao consumo de água; as jarrinhas (nº38, 51, 52) são objetos utilizados para beber, para transportar ou armazenar líquidos e podem ter ou não bico; as jarras (nº37, 39) constituem-se em um recipiente de tamanho médio, com asas, sendo utilizados em paralelo com os cântaros para o transporte de água, dada a facilidade com que podiam ser deslocadas de um lugar para outro; as bilhas (nº28, 29, 40) são pequenos objetos, com função de verter líquidos.

3 Recipientes de Armazenamento

Utilizados para o transporte e/ou conservação de produtos sólidos e líquidos, os cântaros (nº24, 25) e as talhas (nº1, 2, 3, 4, 5.1) representam 11% da totalidade dos objetos. Caracterizam-se por apresentar corpo globular e colo circular com asas verticais. Tem função de armazenagem de líquidos, grãos, transporte, ou, as de tamanho reduzido, como partes integrantes do serviço de mesa, podendo-se adicionar, ainda, uma função meramente decorativa.

4 Contentores de fogo

Categoria onde estão inclusos os cândis e o fogareiro, trata-se da categoria mais representativa do acervo (33%).

Os cândis (nº 5.2, 6,7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 6, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23) são elementos portáteis ou fixos para iluminação doméstica, têm forma composta por bico, câmara cilíndrica, bocal bitroncônico e asa, apresentam ou não decoração.

O fogareiro (nº48) é caracterizado como um pequeno forno portátil que serve para cozinhar ou manter quente a comida, sobre o qual se colocariam panelas e caçoilas ou diretamente carne e peixe para assar na brasa; em determinadas ocasiões usar-se-iam para o aquecimento doméstico. O tipo tradicional é composto por dois corpos: o corpo superior ou braseiro e corpo inferior ou cinzeiro. Caracterizam-se pela grande simplicidade e execução grosseiras, desde o ponto de vista técnico e decorativo, devendo fabricar-se em grandes quantidades por ter uma vida curta, dada a sua intensa utilização. Possui um caráter portátil, que permitia a população que se deslocava levá-los consigo. Os fogareiros, contendo água a ferver e postos em cima da mesa, serviam de suporte a grandes caçoilas para manter a comida quente (PAULO, 2000).

5 Objetos de uso variado

Em tal categoria estão colocados o alguidar (nº27) e a pia de abluções (nº26), representando 3% do total do acervo. O alguidar é um contentor de funcionalidade múltipla, possui forma aberta e apresenta paredes altas, pode-se identificá-lo com a talha. É uma peça destinada a higiene doméstica, podendo ser ainda utilizado na fabricação do pão ou para lavagem da roupa. O caráter multifuncional justifica a sua solidez e a escassa decoração.

A pia de abluções (nº26), de uso variado, era utilizada principalmente na higiene doméstica.

6 Objeto de uso lúdico

São quatro peças, representando 6% da coleção. Os quatro objetos são malhas de jogo (nº55, 56, 57, 58) e têm como principal característica o fato de terem sido reaproveitadas, já que a sua utilização inicial não era esta.

7 Lápides

Representando 5% do total dos objetos, tal categoria conta com três objetos. Duas lápides funerárias (nº 2.2, 3.2) e uma lápide comemorativa (nº 1.2) da construção de uma torre na Porta do Sol em Silves, trata-se de uma mensagem oficial para a posteridade. A ideia de perpetuação da memória estava bem vincada no período islâmico isso comprova a "picagem" propositada, feita anos depois, para apagar o nome de quem mandou construir a torre, alguém que não devia ficar para a História (PAULO, 2000, p.67-68).

A epigrafia islâmica é o reflexo das ideias que as populações, ao longo dos tempos históricos, selecionaram para transmitir às gerações futuras.

A Sala Islâmica

Os objetos foram colocados na sala, de forma a privilegiar cada um dos espaços mais importantes dentro de uma típica casa islâmica (a saber: zona de fogo, zona de armazenamento e o pátio).

Para a montagem da exposição foi feito um estudo sobre a Arte islâmica em Portugal, dando ênfase ao estudo sobre a Casa Islâmica. Utilizou-se, como fonte base, o texto de Macias (1998) *Casas urbanas e quotidiano no Gahr al-Ândalus*.

Não foi efetuado nenhum estudo aprofundado sobre o material exumado dessa escavação realizada no terreno do Museu. Para fins de identificação (precisar as cronologias e os materiais), recorreu-se ao espólio da Universidade do Algarve, oriundo de Campanhas de 1989/2003/2005 (Quintal da Judiciária, Largo da Sé e Horta da Misericórdia) coordenadas pela Professora Gamito (2007). Isso foi possível dada à proximidade das áreas de intervenção (ALVARES, 2001).

Não propriamente um estudo, mas sim um relatório, se encontra no centro de documentação do Museu Municipal de Faro, onde se podem encontrar algumas informações sobre a escavação empreendida no terreno do Museu, e, por sua vez, algumas informações sobre o espólio lá encontrado.

Nenhum dos objetos possui outro inventário, a não ser o inventário geral do Museu. Não há nenhuma forma de proteção legal específica para o espólio da *Sala Islâmica*.

Em relação ao projeto de restauro, o qual é identificado como "a escolha de políticas de conservação", processo através do qual a conservação, propriamente dita, é executada, há poucas referências.

Existe um projeto de Conservação/Restauração que se aplica a todo o acervo do Museu do Faro e que está de acordo com os princípios definidos na Carta de Veneza (1964), na qual está expresso que devem ser utilizadas apenas intervenções que propiciem a reversibilidade, de maneira que, em qualquer momento, o objeto sobre o qual tenha atuado possa despojar-se dessa atuação e voltar ao momento imediatamente anterior à realização.

Procurou-se sempre intervir, com a certeza absoluta de que as intervenções realizadas não atentariam contra a autenticidade do bem ou contra a soma das características substanciais historicamente determinadas: do original até o estado atual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo. Teve-se a preocupação de, ao efetuar o restauro, utilizar a técnica do "tom neutro" (Fig. 2), que diferencia o original do objeto restaurado, de forma a não criar nenhum falso histórico.

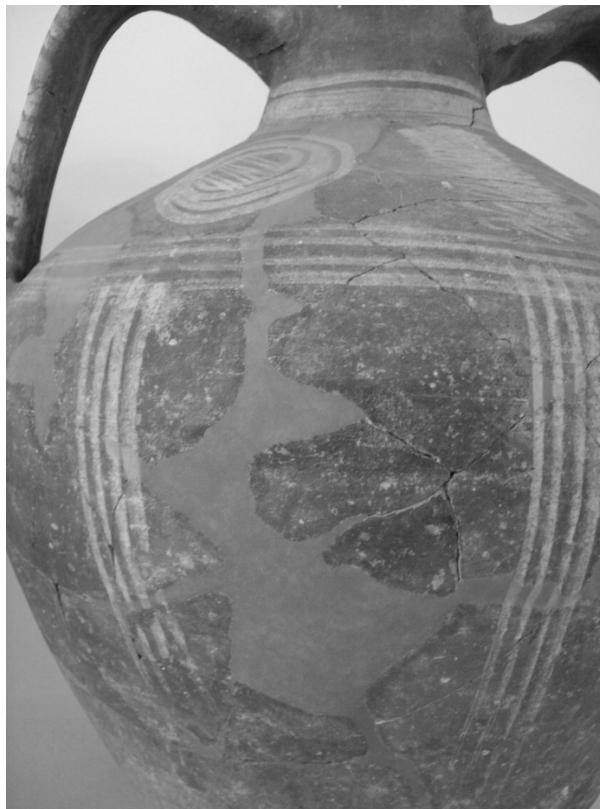


Figura 2: Detalhe do restauro de peça, onde está evidente a intervenção realizada. Foto do Autor, 2009.

Apesar de não ter tido acesso às fichas de intervenção de cada peça presente na *Sala Islâmica*, foi possível identificar as peças que passaram por intervenções.

Assim, quando incorporadas à coleção do Museu, todas as peças passaram por um processo de limpeza mecânica, a qual consistiu em lavagem (quando se tratava de peças com pasta e textura compactas) ou apenas utilização de pincéis, espanadores e ou espátulas, caso a pasta e a textura fossem frágeis.

Num segundo momento, efetuou-se um trabalho de consolidação, no qual foram realizadas a colagem dos fragmentos (Fig. 3) – como é o caso dos objetos nº 04, 09, 17, 25, 31, 32, 35, 39; a colagem e preenchimento – como é o caso dos objetos nº 24, 52; e a reintegração pictórica – caso dos objetos nº 01, 02.



Figura 3: Detalhe do processo de colagem de fragmentos.

Foto do Autor, 2009.

As primeiras intervenções foram empreendidas no ano de 2000, já as últimas ocorrem entre os anos de 2004 e 2005.

A cada três meses é realizada uma limpeza mecânica nos objetos com auxílio de espanador e pincéis.

Em caso de incêndio, há um plano de emergência, segundo o qual todos os objetos da *Sala Islâmica* são retirados, à exceção da ânfora e dos objetos que estão dentro das vitrines, devido às dimensões ou à dificuldade de retirada dos mesmos. Os objetos devem, então, ser levados para o Largo da Galeria do Trem. Foi feito um estudo de conservação preventiva de todo o Museu, em caso de sismo.

Quanto à segurança, o Museu não possui sistema de alarme, mas possui um guarda noturno, um sistema de câmeras de vigilância e, ainda, um monitor, quando o Museu está aberto à visitação.

Quanto à iluminação, teve-se a preocupação de utilizar apenas fibra óptica, a qual, diferentemente das lâmpadas incandescentes, não aquece o ambiente, e diferente das lâmpadas fluorescentes, não libera nenhum tipo de irradiação. A sala possui um desumidificador ligado 24 horas por dia, não há sistema para manutenção e controle de temperatura, porém, no inverno, é colocado um aquecedor. Segundo Suzana Patê, responsável pelo setor de conservação do Museu, tal estratégia foi adotada pelo fato da sala ser bastante

úmida no inverno e apresentar temperaturas bastante baixas, e, no verão, por estar localizada no térreo do prédio e as paredes serem bastante espessas, não há necessidade de condicionador de ar, já que a temperatura não se eleva muito.

As lápides comemorativas e funerárias ficam expostas do lado de fora da sala, ao ar livre, porém dentro de uma vitrine, apoiadas sobre um suporte de metal, o qual recebeu um tratamento anti-oxidação e é revestido por placas de borracha nos locais onde acaba entrando em contato com o objeto.

A Exposição Sala Islâmica

O Itinerário-exposição “Terras da Moura Encantada” é um circuito turístico-cultural que teve como objetivo a criação de um projeto de dinamização e valorização da arte islâmica em Portugal, concebido e executado pelo Programa de Incremento do Turismo Cultural, que se desenrola no centro e sul do atual território português - o Gharb al - Ândalus, em época islâmica – local onde se apresentam os vestígios históricos e artísticos resultantes de cerca de cinco séculos de presença muçulmana.

Visando efetivar a participação da comunidade, foi desenvolvido um projeto composto por conjunto de eventos de caráter lúdico e cultural, relacionados com o tema da arte islâmica, propostos e executados pelas autarquias locais abrangidas pelo Itinerário-exposição.

Conforme Paulo (2000), após a visita da Comissão Científica do Programa Campo Arqueológico de Mértola ao Museu Municipal de Faro, a equipe do Gabinete de Gestão e Reabilitação do Patrimônio da Câmara Municipal de Faro deparou-se com um reduzido espólio do período islâmico.

Como, nesse período, iniciava-se um novo ciclo dentro do programa de revitalização do Museu, constituiu-se uma equipe multidisciplinar, visando a afirmação do papel do museu na sociedade, e foi proposta a criação de uma *Sala Islâmica*, a qual foi concebida por Sandra Louro, ficando a responsabilidade científica a cargo de Dália da Conceição Paulo. Tal proposta tinha como finalidade despertar para conhecimento mais aprofundado da história da ocupação islâmica em Faro, apresentando, sob forma de uma exposição didática e pedagógica, a criação de um espaço semelhante a uma casa islâmica.

Sobre a casa islâmica, Macias (1998) relata que não há uma forma, um parâmetro rígido a ser seguido, e que a maneira de edificar depende muito dos recursos de cada zona e das posses dos proprietários.

Tendo por base esses estudos, a exposição abrange os núcleos temáticos mais importantes em uma casa islâmica tradicional: o pátio, a zona de fogo e a zona de armazenamento (Fig.4). A escolha de tais temas se deve por dois motivos: primeiro devido à tipologia de espólio existente e segundo, devido ao fato de serem esses os locais mais importantes dentro de uma casa islâmica.

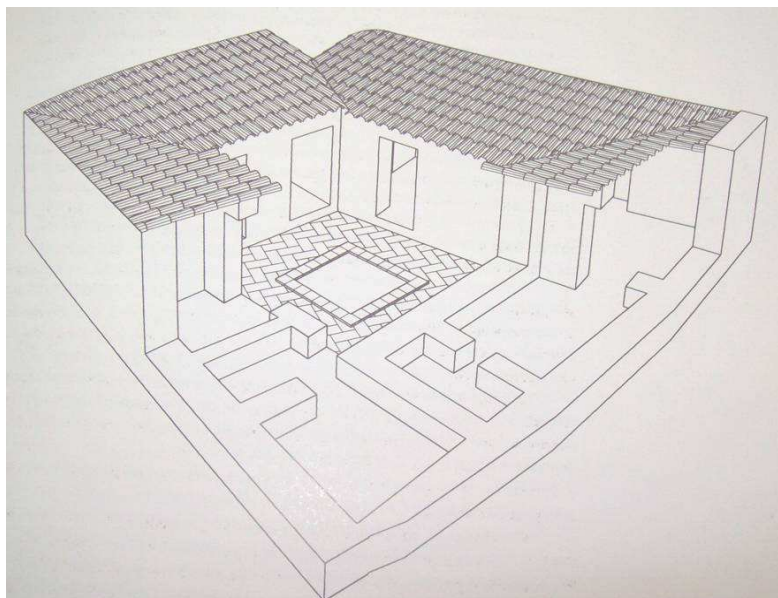


Figura 4: Proposta de reconstituição de uma Casa Islâmica.

Fonte: Macias (1998, p.115).

A exposição “Sala Islâmica” está localizada na primeira sala aberta à visitação, no primeiro pavimento do Museu, à esquerda de quem entra no espaço expositivo. É uma sala de tamanho mediano, revestida por um material que se assemelha à madeira, pintado na cor branca, sobre o qual estão impressos os textos e desenhos relativos a cada temática.

Em relação às questões estruturais e arquitetônicas, a sala possui uma janela que foi vedada, um piso de tijolos à vista, colocados em forma de ‘espinha de peixe’, nos quais estão bastante evidentes as marcas da passagem do tempo. Os textos, impressos na cor preta, encontram-se redigidos em língua portuguesa e língua inglesa. Ao redor dos mesmos, encontram-se impressos em tons avermelhados, algumas figuras tais como: desenhos de talhas, panelas, tigelas, além de figuras humanas.

A identificação dos objetos expostos se dá através de um número colocado perto do objeto e uma lista afixada na parede próxima, onde consta o nome do objeto, a sua utilização e a época de fabricação do objeto, bem como do local onde foram encontrados.

A sala, assim como o Museu em geral, não possui acesso para deficientes físicos, nem legendas para deficientes visuais.

Na entrada da sala, está um painel de apresentação com o seguinte texto:

A sala islâmica

A sala islâmica integra-se no Itinerário/Exposição “Terras da Moura Encantada” no seu VII Circuito – Entre a Serra e o Mar.

Esta sala mostra os artefactos da vida quotidiana numa casa islâmica do sul de Portugal. A mulher ocupa um papel de destaque, pois a casa é o seu refúgio e o seu espelho, é em casa que ela passa a maior parte do seu tempo. A simulação de alguns espaços da casa islâmica, nomeadamente o pátio, o local de armazenamento dos alimentos e a zona de fogo mostram os hábitos culturais de uma civilização que durante cinco séculos ocupou a região algarvia. De realçar (sic) a importância da interioridade destas habitações em que a mulher ocupa o papel central.

A porta que leva o visitante a entrar na sala propriamente dita apresenta-se como um arco em forma de ferradura (Fig.5), símbolo da arquitetura islâmica.



Figura 5: Entrada da ‘Sala Islâmica’. Foto do Autor, 2009.

Não há nenhum caminho/circuito predefinido, é o visitante que escolhe a forma como melhor lhe convém realizar a visita.

Pelo lado esquerdo de quem entra na sala, está representado o espaço externo da casa, ou seja, o “Pátio”, além da “Mesa” e do “Jogo” (Fig.6).

Segundo Paulo, o pátio era o lugar central da casa islâmica, o seu "coração", sendo o restante do espaço organizado ao seu redor. Do pátio geralmente ascendia-se a todos os compartimentos. O mesmo tinha dupla função: local de lazer e de trabalho; ali, simultaneamente, preparavam-se os alimentos, cozinhava-se em fogareiros, comia-se e jogava-se. Era através do pátio aberto no interior da casa que entrava a maior parte da luz, visto que as casas islâmicas tinham poucas ou reduzidas janelas para o exterior. A dimensão dos pátios é variável, entre 8 m² a 24,6 m² (PAULO, 2001).

Estão colocados sobre uma espécie de tapete de palha, alguns objetos como copos, malhas de jogo e um fogareiro, encimados pelo desenho de um homem com um turbante na cabeça e o seguinte texto:

O pátio - a mesa – o jogo

O pátio era o centro da casa islâmica, onde as mulheres da família (mães, filhas, sobrinhas) trabalhavam longe dos olhares indiscretos da rua.

Era no pátio que por vezes se cozinhava em fogareiro e também onde se comia.

O principal objecto da mesa islâmica era a tigela de cerâmica vidrada de onde todos os comensais comiam por ordem hierárquica. Outros objectos que faziam parte da mesa eram as jarrinhas e os copos que também eram partilhados pelos comensais.

O tempo de lazer é pouco conhecido, mas o pátio seria com certeza um espaço dedicado também ao convívio ao jogo entre os membros de uma família.

Através do registro arqueológico chegaram até nós diversas malhas e os respectivos tabuleiros.



Figura 6: Vista geral do ambiente “O pátio, a mesa, o jogo”

Foto do Autor, 2009.

O próximo espaço é destinado à cozinha, a qual é o espaço onde estão colocados o maior número de objetos.

Em um dos cantos, estão algumas madeiras, representando a fogueira, e na parede há uma espécie de vitrine que expõe alguns objetos, enquanto uma panela se encontra suspensa no teto, e o restante dos objetos encontra-se sobre uma espécie de bancada. Acima destes objetos encontra-se o seguinte texto (Fig.7):

Cozinha

Espaço bastante exíguo onde cabiam no máximo duas pessoas. Era ocupado por lareiras feitas, na maior parte dos casos sobre o chão, onde se cozinhavam os alimentos sobre as brasas.

O artefacto principal da cozinha é sem dúvida a panela, como alguém lhe chamou “a estrela dos artefactos de cozinha”. O receituário Kitâb al-Tajib aconselha o estrear de uma panela regularmente e recomenda mesmo para algumas receitas o uso de uma panela nova.

O item principal da cozinha deste período era completado pelas caçoilas e pelo fogareiro.



Figura 7: Vista geral do espaço “A cozinha”.

Foto do Autor, 2009.

A seguir, há na parede, outro texto que se refere à mulher, no entanto não há nenhum objeto exposto abaixo do mesmo, apenas o desenho de uma figura feminina

A mulher

A mulher tinha um papel muito importante em casa (a rua estava-lhe vedada, só a podia freqüentar determinadas horas para ir à mesquita, ao mercado, ao forno.

O próximo núcleo contempla a questão da iluminação, há na parede uma espécie de vitrine, onde estão expostos vários candis, e, ao lado, o texto de apresentação:

Luz

Os candis são os objetos mais característicos do período islâmico. A sua riqueza decorativa variava consoante a classe social dos proprietários.

Segue-se o espaço denominado ‘zona de armazenamento’, onde se encontram expostas as talhas:

Armazenamento

A despensa constituía o espaço fulcral das casas islâmicas. Tinha como função principal servir de local de armazenamento e conservação dos alimentos. De entre os diversos processos de conservação dos alimentos alguns eram abordados nos tratados de agricultura da época, onde se ensinava a conservá-los através de complexos processos de conserva em vinagre, mel ou através de secagem.

O Tratado de Ibn al –Awwâm especifica o tipo de artefacto cerâmico para determinados usos, como por exemplo aconselha barro novo para uns e barro vidrado para outros.

As talhas (recipientes de armazenamento) aqui expostas serviam para guardar líquidos (vinho, água, mel, azeite) e sólidos (carne seca e salgada, cereais e azeitonas).

A sua importância é visível na profusa decoração das paredes exteriores, bem como nas frases que procuram afastar os males. A talha com o nº de inv. 2337 tem inscrita a palavra “ALÁ”.

Dentro da sala, esse é o último núcleo expositivo. Porém há, ainda, do lado de fora, (Fig.8) um pequeno texto que se refere ao sistema defensivo árabe:

O reforço do sistema defensivo

Perante a ameaça do avanço cristão ainda no séc. XII, as cidades árabes do sul da Península Ibérica tinham que se defender.

Assim a arquitectura militar vai se adaptando para tentar minimizar o clima de hostilidades que se vive no extremo sul do Gharb.

Esta adaptação traduz-se na maior parte das vezes pela inovação arquitectonica introduzida pelos almoadas que organizara um forte sistema defensivo.

As torres albarrãs constituem uma nova forma de contra-ataque passivo.

Os defensores colocavam-se em posição de antemuro e quem se aproximava das muralhas era arremetido pelas costas. Espalhadas um pouco por todo o Algarve, as torres albarrãs são um bom exemplo dessa inovação. Em Silves, a lápide que aqui se expõe e que comemora a construção de uma torre na Porta do Sol, pode muito bem ter pertencido a uma torre albarrã hoje em ruínas.

E, por fim:

Os cemitérios e os rituais funerários Islâmicos

Na estreita da tradição mediterrânea, os Muçulmanos separam escrupulosamente o mundo dos mortos do mundo dos vivos, situando-se os cemitérios, fora dos aglomerados habitacionais.

A diferença social é percebida na existência ou não de lápides funerárias, e/ou na qualidade de sua inscrição.

O enterramento é feito sempre em decúbito lateral direito, com a cabeça virada a sul-sudoeste, de maneira que a cara fique virada para a cidade sagrada de Meca.

O morto nunca é acompanhado por qualquer espólio e a fossa é sempre bastante estreita para firmar o corpo na posição lateral.

Nesse espaço, encontram-se, ao redor, expostas três lápides, estando colocado na porta de entrada da sala um poema de Ibn' Abdum (XI/XII):

Bem cedo o Destino nos fustiga...
E para trás rastos vão ficando.
Esconjuro-te! Deixa que te diga:
Não chores por sombras, tudo é ilusão.
Ai de quem com quimeras vai sonhando.
Entre as garras e os dentes do leão!
Que a vida não te iluda e entorpeça já,
Para a vigília são teus olhos feitos.
Ò noite, que do teu ócio nos afaste Alá,
E dos que os teu feitiço estão sujeitos!
Teu prazer engana, víbora escondida
Detrás da flor: morde quem a quer colher.
Quanta geração foi de Alá querida!
O que ficou? Poderá a memória responder?
Quem pode a menor coisa pretender,
E talentoso ou bom, deveras, ser?
Quem pode dar recompensa ou castigar?
Que põe fim ao sopro da desgraça?
Quem é que a danação pode afastar?
Ou a tragédia que o Destino traça?
Ó vã generosidade, ó vão valor!
Quem me defenderá do opressor
-Calamidade em noite sem aurora-
Quem? Se já não há regra a respeitar
E o que resta é um silêncio imposto?
Quem é que apagará o amargo gosto
Que nunca ninguém pode apagar?
(Tradução: ALVES, A .(1987) *O meu coração é Árabe* – A poesia Luso-Árabe, Assírio e Alvim)

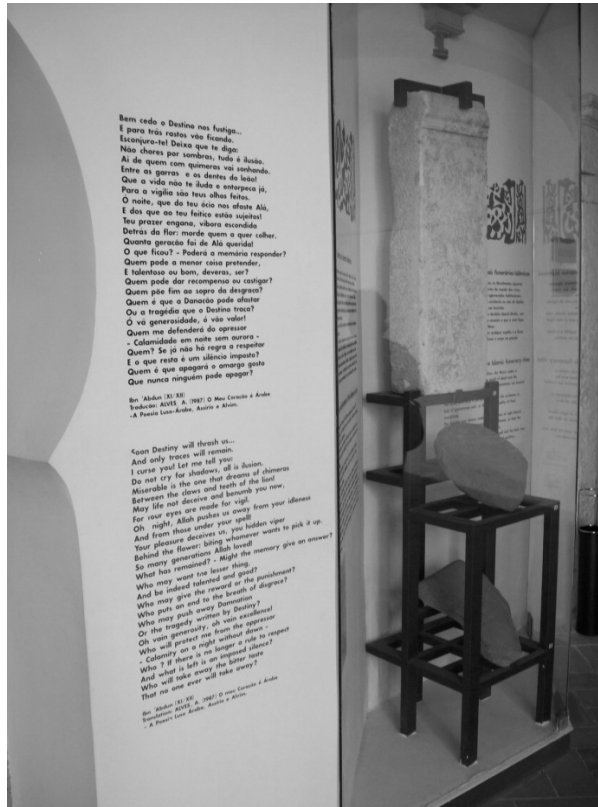


Figura 8: Vista geral da parte externa da sala. Foto do Autor, 2009.

Até o momento não foi produzido nenhum folheto, visando à divulgação da exposição, porém foi publicado um catálogo a nível nacional (TORRES e MACIAS, 1999) e um catálogo da exposição a nível local (PAULO, 2000).

Além dessas duas publicações impressas, a European Union, a Euromed Heritage, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Ministerio de Asuntos Exteriores de Cooperación e a Fondation ONA organizaram o site Museum With No Frontiers (www.museumwnf.org), cuja tradução para o Português é Museu Sem Fronteiras. Esse site é um espaço na rede internacional de computadores destinado a divulgação de iniciativas de cunho cultural. Neste espaço encontra-se um link que visa à divulgação do Itinerário/Exposição *Terras de Moura Encantada*- Circuito VII, bem como a divulgação da Arte Islâmica.

Atividades de Educação Patrimonial

O Museu realiza todo ano uma série de atividades, dentro do programa de Serviços Educativos, que visam a contemplar tanto alunos do pré-escolar, quanto do primeiro e do segundo ciclo e do secundário, bem como pessoas da comunidade em geral.

Dentre as atividades oferecidas pelo Serviço Educativo do Museu, temos uma série de atividades de caráter lúdico, sendo as seguintes aplicadas especificamente à Sala Islâmica: *A roda das formas*, *Ser arqueólogo por um dia...*, *Um dia com romanos e árabes* e *Nos bastidores do Museu*.

A roda das formas consiste em uma oficina de cerâmica, na qual os alunos trabalham o barro manualmente na roda de oleiro, sendo aplicada apenas a alunos dos 1º, 2º e 3º ciclos. Esta oficina se realiza após uma visita dos alunos às salas romanas e islâmica, onde visualizam objetos feitos de cerâmica. Mais tarde, são conduzidos ao atelier, onde fazem réplicas dos objetos vistos nas exposições.

A oficina *Ser arqueólogo por um dia...* simula o trabalho dos arqueólogos e dos técnicos em restauro. É aplicada a alunos do 1º, 2º e 3º ciclos. Da mesma forma, os alunos, após visita as salas de exposição, são conduzidos ao atelier, onde, então, realizam uma escavação arqueológica simulada, além de trabalhos de restauro, limpeza e numeração (marcação definitiva) dos objetos.

O jogo *Nos bastidores do Museu*, aplicado aos 1º, 2º e 3º ciclos, trata-se de visita aos vários serviços existentes no Museu, para que os alunos possam conhecer a equipe e o trabalho que se faz nesse local.

O jogo *Um dia com romanos e árabes*, aplicado ao 2º e 3º ciclo e ao 4º ano, consiste em atividade na qual os alunos aprendem aspectos da vida cotidiana de árabes e romanos.

As atividades têm duração média de 1 hora e 30 minutos e são as próprias escolas que devem entrar em contato com os Serviços Educativos do Museu para solicitar a aplicação das mesmas.

Além dos projetos aplicados nas escolas, os Serviços Educativos têm outras ações que visam a atingir o público em geral, como, por exemplo, o projeto Famílias, bem como algumas instituições assistenciais no Conselho, proporcionando visitas guiadas pela Vila Adentro, ao Museu, entre outras atividades. Segundo a responsável pelos Serviços Educativos, Sofia Neves, a avaliação das atividades é feita pelos professores, mas é sempre realizada uma observação participante, para perceber se os alunos estão gostando, se há falhas e quais devem ser as melhorias.

Considerações finais

Conclui-se, desta forma, que o projeto de gestão da “Sala Islâmica” é satisfatório, pois o mesmo possui formas eficientes de proteção, de divulgação e interpretação. Em relação às questões relacionadas com a proteção do acervo, cumpre a sua tarefa, visto que o mesmo, na sua totalidade, é composto por materiais exumados de escavações arqueológicas e a grande maioria confeccionada em cerâmica, material não muito sensível a variações climáticas e não necessita de grande atenção quando exposto.

O tema abordado com a exposição é algo bastante discutido no meio acadêmico, o que faz com que a produção bibliográfica seja bastante extensa, contribuindo para a sua interpretação, a qual é potencializada devido às ações educativas que ocorrem no Museu, as quais, mesmo não sendo direcionadas exclusivamente para a *Sala Islâmica*, auxiliam os alunos a entender o processo de ocupação islâmica na região do Algarve.

O ponto fraco da exposição é a sua divulgação, visto que não foi produzido nenhum catálogo e não é feito nenhum tipo de divulgação.

Referências bibliográficas

ALVARES, Rosio. *Relatório sobre os materiais da sondagem 1/ ao 6/EU 101. Museu de Faro ano 2001. Primeiros dados acerca das cerâmicas almorávidas do Faro Muçulmano*. Faro: Câmara Municipal de Faro/Museu Municipal de Faro, 2001.

ICOMOS. *Carta de Veneza (1964)*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=F404F94BDC9A4A9A0BE2DE9AE1DE8A7B?id=236>, acessado em 25/11/2010.

CATARINO, Helena. *O Algarve Islâmico: Roteiro por Faro, Loulé, Silves e Tavira*. Acção Piloto de Cooperação Portugal-Espanha-Marrocos. Comissão e coordenação da Região do Algarve, 2002:6.

GAMITO, Teresa Júdice. *O Algarve e o Magreb (711-1249)*. Faro: Universidade do Algarve, 2007.

MACIAS, Santiago. *Casas urbanas e quotidiano no Gahr al-Ândalus*. In: MACIAS, Santiago (org). *Portugal Islâmico: Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Museu Nacional de Arqueologia. Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus, 1998.

PAULO, Dalia. *A Casa Islâmica (The Islamic house)*. Catálogo da exposição: A Sala Islâmica. Faro: Câmara Municipal de Faro/Museu Arqueológico Municipal, 2000.

TAVEIRA, Catarina Ferrer Dias Viegas. *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve Central e Oriental no período romano*. Tese de Doutoramento em Arqueologia. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

TORRES, Cláudio e MACIAS, Santiago. *Arte islâmica no Mediterrâneo: Portugal. Terras de Moura Encantada*. Porto: Editora Civilização, 1999.

Recebido para publicação em outubro de 2010.

Aprovado para publicação em dezembro de 2010.

1. Cristiano Gehrke. Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Participou do Programa de Mobilidade Acadêmica com a Universidade do Algarve, no Curso de Patrimônio Cultural. Atualmente, é mestrando do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. E-mail: cristianogehrke@gmail.com